

QUE NOS ENSINA A LITERATURA DE CORDEL?

Maria do Socorro Cipriano
UEPB - maria.cipriano@bol.com.br

INTRODUÇÃO

Pensada enquanto ícone da cultura popular, a Literatura de Cordel é vista atualmente como suporte didático, inclusive, para as relações interdisciplinares no espaço escolar. Para além desse viés metodológico, que se articula às diversas discussões e pesquisas acerca dos *usos* das linguagens como o cinema, a música, a literatura na área do ensino de história e disciplinas afins, também se pode indagar sobre como a rede literária inaugurada pelas tipografias de cordel pode possibilitar práticas culturais e suscitar novos aprendizados comungados pelas comunidades envolvidas.

Esta análise dialoga com os projetos que investigam a História das tipografias de cordéis na Paraíba (1918 – 1958), apoiadas pelos Programa de Iniciação Científica da UEPB/CNPq e PROPESQ, cujas pesquisas objetivaram historicizar o campo de atuação das editoras de cordel na Paraíba e configurar as relações entre os poetas-editores-leitores, na primeira metade do século XX, dando destaque às cidades de João Pessoa, Campina Grande, Pato e Guarabira¹. Sendo assim, compreende-se também que literatura de cordel enquanto artefato cultural, pode ser tomada como uma importante ferramenta para pensar sobre as formações identitárias dos seus consumidores.

Através dos folhetos e das imagens impressas em suas capas, é possível problematizar a criação de modelos comportamentais partilhados pelos seus produtores e leitores, ao exemplo das narrativas poéticas que visam coibir posturas sociais desviantes vistas, muitas vezes, como “monstruosas”. Esta atitude de estranhamento face o diferente, ao legitimar uma pedagogia do medo, se corporifica na forma de eleger certos padrões morais e de apontar o caminho socialmente

¹ Participam do atual projeto os alunos Thiago Acácio Raposo e Amanda Mayana Maria Castro Querino e colaboram com informações para o presente texto.

aceito, separando o comportamento humano do inumano. Pois, como afirma Guacira Louro (2001, p.11):

Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura.

Neste sentido, a presente análise aponta algumas inferências sobre como os corpos de homens e mulheres foram construídos culturalmente, em determinados períodos. Os trabalhos dos autores Michel de Certeau (2008) e Roger Chartier (1990) foram tomados como principais referenciais teórico-metodológicos. No sentido geral, suas análises ajudaram a problematizar as formas de consumo e da produção textual no campo das práticas culturais, possibilitando-nos perceber como estas balizaram a relação estabelecida entre os produtores e os leitores dessa maquinaria editorial. As negociações em torno de normas sociais denunciam as astúcias, as apropriações, as espeztezas criadas a partir das brechas literárias.

Resultados

Segundo a nossa análise, os textos poéticos são referidos pelo contexto moral da época, expressando aspectos religiosos, peculiaridades das práticas culturais. Faz-se necessário lembrar aqui que o texto do cordel, baseado na vivência cotidiana, enquanto enunciador de discurso produz modelos de comportamento, produz imagens, ao mesmo tempo difundido e cristalizando-as. Imagens, cujo repertório remete aos feitos heróicos de vaqueiros, agricultores, pescadores e cantadores, naturalmente honestos, dignos. Nesse universo basicamente masculino, os lugares para o feminino são inscritos a partir de outros valores. As mulheres dos cordéis são desenhadas com traços de dubiedade, de falsidade ou de inocência, extrema bondade, sem levar em conta se são ricas ou se são pobres.

Os modelos desejados de família, do masculino e do feminino ressoam através das histórias sobre personagens reais ou de heróis mitológicos e bíblicos. Entretanto, muitas narrativas acabam por estabelecerem ligações com o presente de

seus leitores, poetas e tipógrafos, pois não é incomum que vaqueiros ou agricultores se casassem com "princesas" de reinos distantes.

Nesse universo literário, também costumam aparecer diabos e monstros que assombram o cotidiano das pessoas comuns. Um desvio da conduta moral estabelecida, pode resultar em muitos castigos: uma jovem, vista como desobediente, pode "dançar" literalmente com o diabo ou ainda se transformar num animal como o cachorro; um homem com atitudes reprováveis socialmente pode se metamorfosear em bodes ou em outros seres monstruosos, como o próprio lobisomem - mistura de homem e animal. Este pode ser exemplificado através do cordel *O filho que bateu na mãe e virou lobisomem*, de Manuel D'Almeida Filho.

Esta fronteira entre o humano e o inumano, embora seja um recurso imagético que aparece nos folhetos, é descrito como algo *estranho* pelos poetas. O cordel *O Lobisomem do Alto do Bode* (1979), de Joaquim Batista Sena, conta a história da "família Gomes"; segundo ele, uma família de lobisomens que teria vivido em Fortaleza (p.1). O poeta recorre ao universo onírico que compõe atribuindo às crenças do Sertão, descrito como sendo um espaço dos seres infernais. O lobisomem², no entanto, talvez pelo seu estigma de alimentar-se de sangue, era descrito pela literatura de cordel como um dos seres medonhos que assustaram adultos e crianças no meio rural e urbano.

Segundo o cordelista, até a mulher virava lobisomem e "corria" junto com o marido (p.2). Depois da morte de ambos, o autor refere-se ao aparecimento de um bode preto na cidade, sugerindo que o casal reaparece transformado num bode preto³. Como as discórdias e os assassinatos continuam a dominar a referida cidade, a narrativa explicita que a presença de um estranho ao convívio humano faz desequilibrar uma certa ordem social.

Segundo as fontes pesquisadas, a partir das primeiras décadas do século XX, a produção de cordel torna-se cada vez mais complexa (ABREU, 2006). A Literatura de Cordel passa a ser consumida pelos mais diversos grupos sociais, especialmente pelos que não tinham acesso direto às informações da imprensa (CURRAN, 2003).

² O lobisomem faz parte de uma tradição que se universalizou e apresenta algumas variações quanto ao seu ritual de transformação. No Brasil, Eles também poderiam "nascer da vontade das fadas ou das feiticeiras, de coitos incestuosos, sobretudo entre padrinhos e afilhadas, de razões ignoradas" (PRIORE, 2000, p.105).

³ No segundo volume de *Cabedelo*, Altimar Pimentel refere-se à narrativa sobre a licantropia feminina ou "lubisboa", conhecida na cidade, que ele julgara ter "registro único" (PIMENTEL, 2002, p.313). Todavia, o cordelista Sena aponta para outras narrativas sobre o caso.

Na Paraíba, alguns tipógrafos estabeleceram uma constante comunicação com os seus consumidores através dos anúncios registrados nas capas dos folhetos. Como afirma CHARTIER (1990, p. 56), por "intermédio da compra mais ou menos massiva, os leitores exprimem as suas preferências; desse modo, os seus gostos ficam em posição de fazer inflectir a própria produção dos textos". Através das tiragens dos folhetos eles também poderiam mensurar o grau de interesse dos compradores, em relação aos temas publicados em suas editoras.

Conclusão

As fontes pesquisadas e a própria historiografia analisada mostram como os folhetos eram lidos pelas mais diversas camadas sociais e como suas histórias reverberaram nas práticas culturais das comunidades, na primeira metade do século, período de intensa circulação. Esse entendimento permite-nos reforçar os questionamentos acerca dos critérios de legitimidades que outrora cristalizaram lugares do popular e do erudito e a própria clivagem estabelecida entre o oral e a escrita. São igualmente reveladores acerca das múltiplas formas de "leituras" das referidas poesias, no sentido de explicitar a importância do folheto para a comunidade de leitores de uma dada época.

Seguindo essa orientação, também buscamos compreender o cordel em seus desafios enquanto fonte, ao percebê-lo como um elemento cultural e, portanto, historicizável. Os textos poéticos, as apresentações gráficas dos folhetos, tais como os desenhos, as xilogravuras, as gravuras de postais e de cartazes de cinema (embora não exploradas neste texto) remetem aos mecanismos de produção, mas também apontam para as marcas deixadas pelas comunidades de leitores da sociedade de época, deixando entrever como outras práticas pedagógicas são engendradas e como operam de maneiras diferentes daquelas que são produzidas nos espaços formais das escolas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de Cordel e Folhetos**. 2ª ed. Campinas, S P: Mercado das Letras: Associação de leitura do Brasil. 2006.

DE CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. V 1. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre prática e representação**. Lisboa: Difel, 1990.

CURRAN, Mark. **História do Brasil em Cordel**. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

FRANKLIN, Jeová. **Xilogravura Popular na Literatura de Cordel**: em comemoração dos 100 anos da xilogravura popular na literatura de cordel (1907/2007). Brasília: LGE, 2007.

LOURO, Guacira Lopes(org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. São Paulo: Autêntica, 2001.